

Anne Dacier (1647-1720)



Fonte: Alfred Gudeman: *Imagines philologorum*, Berlin/Leipzig 1911, S. 13.

Disponível em : https://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Anne_Dacier_-_Imagines_philologorum.jpg

Acesso em 23 de agosto de 2015.

Segundo a biografia escrita por Garnier (2002), Anne Lefebvre, mais conhecida como Anne Dacier ou Madame Dacier, nasceu em Preuilly-sur-Claise, na França em 5 de agosto de 1647 e morreu no Louvre em Paris, em 17 de agosto de 1720. Ela cresceu em Saumur, onde seu pai, Tanneguy Lefebvre, era professor de grego e latim e lhe ensinou essas duas línguas e outros estudos clássicos. Em 1664, casou-se com Jean II Lesnier, de quem se separou rapidamente, voltando a se casar mais tarde, em 1683, com André Dacier, interno na academia de seu pai em Saumur.

Foi convidada pelo duque de Montausier a contribuir como tradutora da série *Ad usum Delphini*, para a educação do Delfim da França, filho do rei Luis XIV, para a qual traduziu obras sobre a história de Roma.

Em 1681, publicou sua versão em prosa de Anacreonte e Safo. Nos anos seguintes, publicou as versões em prosa de Terêncio, peças de Plauto (*Amphytruo*, *Rudens* e *Epidicus*, 1683) e de Aristófanes (*Pluto*, *As nuvens*, 1684) e o teatro completo

de Terêncio (1683). Em 1684 ela se retirou com seu marido em Castres, com o objetivo de se consagrar aos estudos de teologia. No ano seguinte, os dois abjuraram o protestantismo, pelo que Luis XIV os recompensou com uma pensão.

Em seguida, publicou novas traduções de Plauto, Aristóфанes e Terêncio. Colaborou com o marido em diversas traduções, principalmente novas versões francesas de Plutarco e de Marco Aurélio. Tais traduções de autores antigos estoicos refletiram a simpatia de Madame Dacier pelo neoestoicismo e sua oposição ao neoepicurismo nos debates filosóficos do período. A erudição clássica e a habilidade literária de Madame Dacier lhe renderam o louvor do mais influente crítico literário da França, Nicolas Boileau.

Anne Dacier deixou registros das suas estratégias e escolhas tradutórias em prefácios e notas extensas que fez às traduções. Suas traduções em prosa provocaram uma discussão muito viva, pois segundo argumento da tradutora: “os poetas traduzidos em versos deixam de serem poetas”.

Publicou em 1699 a tradução em prosa da *Ilíada*, acompanhada nove anos mais tarde de uma tradução semelhante da *Odisseia*, que lhe conferiram o lugar que hoje ocupa nas letras francesas. Essas traduções fizeram conhecer Homero a muitos homens letrados franceses, entre os quais Houdar de La Motte, e foram igualmente a ocasião de uma retomada da querela entre os Antigos e os Modernos, quando Houdar publicou em 1714 uma versão poética da *Ilíada* reduzida e modificada à sua maneira.

Os textos latinos tiveram suas passagens impróprias apuradas e censuradas. Segundo Lejay, P. (1908), o poema foi reduzido a doze cantos, todas as prolixidades foram eliminadas e foi revisado de acordo com os gostos do século XVIII “moderado e elegante”. Madame Dacier refutou esse ataque no livro *Des causes de la corruption du goût* (Paris, 1714). A parte mais interessante desse trabalho consiste na análise do *Dialogus de oratoribus*, de Cornélio Tácito, na qual Madame Dacier fez observações interessantes sobre a influência dos climas na literatura.

De acordo com Conley (2010), o abade Terrasson publicou a obra *Dissertation critique sur l’Iliade* (1715), na qual afirmou que, com um conhecimento de mundo superior, devido à filosofia de Descartes e o progresso tecnológico, a cultura francesa moderna havia produzido uma literatura superior. Mas a querela foi prolongada e, em 1716, o jesuíta Jean Hardouin publicou uma apologia a Homero, propondo uma nova forma de interpretá-lo. Mme Dacier recusou-a no seu segundo maior livro teórico,

Homère défendu contre l'apologie du père Hardouin, 1716, um tratado que reiterou seu compromisso com a teoria neoaristotélica da exegese e da arte literária, defendendo a superioridade artística da civilização antiga.

O trecho do prefácio abaixo foi escrito para sua tradução, em prosa, do grego ao francês, de *Les Poésies d'Anacréon et de Sappho*, publicada originalmente em 1681 e, novamente em 1699, uma edição aumentada com notas latinas de seu pai, Tanneguy Le Fèvre.

Narceli Piucco

Publicado em 24/08/2015

Traduções

Traduções para a série ad usum Delphini, sobre história de Roma: Florus (1674), Aurelius Victor (1681), Etropius (1683) e textos sobre as Guerras troianas de Dícis de Creta e Dares Phrygius (1684).

Les poésies d'Anacréon et de Sappho (1681)

Trois comédies de Plaute (1683)

Les comédies de Terence (1683-84)

L'Iliade (1699)

L'Odyssée (1716)

Obras próprias

Des causes de la corruption du goût, Paris : Rigaud, 1714. (Disponível online: <http://books.google.fr>) –

Homère défendu contre l'apologie du père Hardouin, Paris : Jean-Baptiste Coignard, 1716. (Disponível online : <http://books.google.fr>)

Referências

CONLEY, John J. The Internet Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: 23 de agosto de 2015.

GARNIER, Bruno. Anne Dacier, un esprit moderne au pays des anciens. In : Delisle, Jean. *Portraits des traductrices*. Ottawa : Presses de l'Université d'Ottawa/Éditions Unesco, 2002.

Antologia de Escritoras Francesas do Século XVIII. Biografias. Anne Dacier. Narceli Piucco. ISBN: 978-85-61482-68-8

LEJAY, P. (1908). Anne Dacier. In: The Catholic Encyclopedia. New York: Robert Appleton Company. Retrieved August 13, 2010 from New Advent: Disponível em: Acesso em: 23 de agosto de 2015.

Data de publicação: 24/08/2015
Narceli Piucco